

a ponte do diabo

loreth anne white

Tradução de Ana Nereu Reis



PARA TODOS AQUELES
QUE BUSCAM A VERDADE

NOTA DA AUTORA

Embora *A Ponte do Diabo* seja inspirado num crime verídico que ocorreu na minha região há vinte e quatro anos — um crime que chocou toda uma comunidade e atraiu a atenção dos meios de comunicação social nacionais e internacionais —, esta história é uma obra de imaginação e todas as personagens são inteiramente fictícias.

Os locais também foram usados de forma fictícia.

NA PONTE DO DIABO

Passamos a maior parte da nossa vida com receio da nossa própria Sombra. Ele disse-me isto. Disse que uma Sombra vive profundamente dentro de cada um de nós. Tão profundamente que nem sequer nos apercebemos de que está lá. Por vezes, com um rápido olhar de soslaio, conseguimos vislumbrá-la. Mas amedronta-nos, pelo que desviamos rapidamente o olhar. A nossa incapacidade de a encarar é o que alimenta a Sombra. A nossa incapacidade de examinar esta coisa que é, de facto, o nosso eu puro. É isto que dá à Sombra o seu poder. Faz-nos mentir. Sobre o que queremos, sobre quem somos. Faz disparar as nossas paixões, os nossos desejos mais sombrios. E quanto mais poderosa ela se torna, mais a tememos, e mais acirradamente nos esforçamos por ocultar esta Besta que somos nós...

Não sei porque é que Ele me diz estas coisas. Talvez seja uma forma oblíqua de trazer ao de cima e enfrentar a sua própria Sombra. Mas acho que as nossas Sombras são más, a dele e a minha. São enormes, sombrias e muito perigosas. A meu ver, as nossas sombras nunca deviam ter permissão para se manifestar.

— *Do diário de Leena Rai*

2h04 da manhã, sábado, 15 de novembro de 1997.

LEENA RAI AVANÇA DE FORMA VACILANTE PELA ANTIGA PONTE de cavalete perto do estaleiro de separação de troncos. Está uma noite límpida. Fria. Estranhamente silenciosa. Consegue ouvir o som do vento na copa das coníferas ali perto, o suave marulhar da água contra as rochas debaixo da ponte, o distante e omnisciente estrondar das cascatas gémeas que se precipitam de mais de trezentos metros de altura pelas escarpas de granito da Montanha do Chefe.

Tirita de frio e aconchega o cachecol ao pescoço. O movimento fá-la oscilar. Segura-se ao corrimão e ri-se. A emoção provém de uma mistura tóxica de ansiedade e uma espécie de antecipação emocionante e atrevida. Sobretudo, sente-se reconfortada, entorpecida e deliciosamente embriagada pela *vodka* da garrafa de Smirnoff quase vazia que tem no bolso do enorme casaco de estilo militar que traz vestido. O casaco não lhe pertence.

É dele. Cheira a ele. Um odor amadeirado. Alguma resina de pinheiro. Um odor residual de *aftershave*. E o aroma particular característico dele. Tudo misturado com um toque de musgo e sujidade do chão do bosque onde há pouco a tinham forçado a estar deitada de costas. Leena sacode essa recordação indesejada, a dor. Espera que o céu, a lua cheia, a Via Láctea e as copas das árvores parem de rodopiar e, quando o movimento abranda, inspira fundo para se tranquilizar. O ar sabe a outono.

Prossegue o seu caminho ao longo da Ponte do Diabo. Consegue ver a água negra do rio ao longe e algumas luzes da fábrica de pasta de papel a tremeluzir sobre a água. A respiração sai em lufadas fantasmagóricas. À medida que se aproxima da extremidade sul da ponte, sente-se mais nervosa. Detém-se, enfia a mão no bolso, desenrosca a tampa da garrafa de *vodka*, inclina a cabeça para trás e sorve um trago. Cambaleia e a bebida sai-lhe pelo lado da boca e escorre-lhe pelo queixo. Ri-se de novo, limpa a boca e volta a meter a garrafa no bolso grande. Ao fazê-lo, avista qualquer coisa. Uma sombra. Um ruído. Semicerra os olhos na obscuridade enquanto estuda as sombras na ponte à sua frente. Um automóvel aproxima-se. Fecha momentaneamente os olhos devido ao súbito clarão dos faróis, depois o veículo desaparece. Um camião passa veloz, lançando uma rajada de fumos quentes e carregados de gases de escape na sua direção. De repente, sente-se virada ao contrário. Qual é o caminho certo?

Concentra-te.

Não pode arruinar tudo, perder este convite especial para se encontrarem debaixo da ponte no extremo sul, um lugar onde os adolescentes se reúnem frequentemente para fumar, beber e curtir. Avança a cambaleiar. Outro veículo passa, cegando-a momentaneamente. Tropeça no passeio e cai na estrada. O automóvel desvia-se dela. Uma buzina toca. O coração bate-lhe mais depressa.

Semicerra os olhos enquanto se concentra na obscuridade, com o olhar fixo na extremidade da ponte.

Não estragues tudo. É disto que tens estado à espera...

Ajusta mais o casaco à volta do corpo, como se isso lhe desse força. É demasiado grande até para o seu tamanho. E é por isso que gosta dele. Fá-la sentir-se pequena, e isso é uma dádiva. E quente. Como um abraço. Leena não recebe abraços com frequência. Na verdade, não se recorda de quando foi a última vez que alguém a abraçou. O irmão mais novo recebe abraços. Imensos. É fofinho. É fácil gostar de Ganesh. Ela, por outro lado, recebe expressões carrancudas. Avisos. As pessoas dizem que é estúpida. Ou que

nunca é boa o suficiente ou adequada o suficiente. É apenas uma peça sobressalente desajeitada, corpulenta, pesada e inepta. Um estorvo dentro da sua própria casa. Na escola. Às vezes, gostaria de poder sair do seu próprio corpo. E é certo e sabido que não vê a hora de sair de Twin Falls.

Mas por agora está retida. Nesta cidade estúpida. Dentro deste corpo físico, um corpo que é tudo o que as pessoas veem sem conseguirem ver para além dele. Não conseguem ver quem é Leena por dentro. O quão profundamente ela sente as coisas. O quanto adora escrever — poesia, prosa. Mas ele sabe. Ele diz que as palavras dela são bonitas. Ele *vê-a*. Quando está com ele, por vezes acredita que o seu mundo pode mudar se conseguir aguentar e manter-se assim durante mais um ano ou dois. Depois disso, *irá* sair deste lugar. Irá para longe. Para o estrangeiro. Para África, talvez. Trabalhará em sítios exóticos, fazendo coisas onde as pessoas precisem dela. Escreverá sobre essas aventuras. Talvez para um jornal. Tornar-se-á uma pessoa diferente. Quando fica longe dele demasiado tempo, esses sonhos esbatem-se, desvanecem-se. Tudo volta a ficar negro. E só quer fazer um favor a toda a gente e morrer. Mas depois vai ter com ele, e ele diz algo simpático sobre a sua poesia, e sente um palpitar do coração, um estremecimento de asas primordiais a bater através da escuridão quente na sua alma. *El duende*. Foi assim que Federico García Lorca lhe chamou, disse ele. Trata-se do espírito da criatividade, e ele afirma que Leena o tem bem no âmago de si mesma.

Chega ao fim da ponte e começa a descer o trilho íngreme de gravilha que dá a volta e passa por baixo do viaduto da Ponte do Diabo.

Um automóvel passa lá em cima. Os faróis desenham as silhuetas das árvores. Depois fica tudo negro. Silêncio total. Sente-se desorientada. O medo sussurra-lhe. Move-se com cuidado, tateando o caminho com os pés no trilho escuro. Uma parte distante do seu cérebro envia-lhe um aviso. Está tudo demasiado silencioso. Demasiado escuro. Há algo de errado.

Mas a *vodka* mantém-na a descer o trilho. Em direção às rochas. Em direção à água. Um ponto laranja de repente brilha na escuridão sob a ponte. Vislumbra uma silhueta parcial, que depois se desvanece. Sente o odor do fumo de cigarro.

— Está aí alguém? — pergunta em direção à obscuridade.

— Aqui, Leena.

A voz vem de trás dela. Volta-se.

O golpe surge de forma rápida e inesperada. Atinge-a de lado, na face. Cambaleia, tropeça e cai desamparada sobre as mãos e os joelhos. O cascalho fere-lhe as palmas das mãos. O mundo gira. Está confusa. Sente o gosto

de sangue. Tenta respirar, mas o golpe seguinte atinge-a na nuca, fazendo-a cair de rosto no chão. As pedras retalham-lhe a face. A terra entra-lhe na boca. Outra pancada forte, como se fosse de um martelo, atinge-lhe as costas entre as omoplatas.

Não consegue respirar. O pânico invade-a. Levanta a mão para o fazer parar. Mas o pontapé seguinte é na cabeça.

TRINITY

NO PRESENTE

Nem sequer sei quando é que começou... provavelmente muito antes daquela noite fria de novembro em que o satélite russo atingiu a atmosfera terrestre. Na altura em que aconteceu, não havia nada que qualquer um de nós pudesse ter feito para o impedir. Como um comboio que se põe em movimento a quilómetros de distância, tudo se precipitou inexoravelmente a partir daí.

**Do podcast de crimes reais «É Um Crime»,
«O Assassinato de Leena Rai
— Por Baixo da Ponte do Diabo»**

Quarta-feira, 17 de novembro. Hoje.

À DISTÂNCIA, OBSERVO O TRATOR VERDE A MOVER-SE AO longo de uma linha de choupos. As árvores estão despidas de folhas e uma névoa fantasmagórica paira sobre o vale. Três gaivotas esvoaçam e grasnam no rasto do trator, mergulhando para apanhar o que quer que esteja a ser exposto pelos dentes do arado. Nuvens densas encobrem os picos circundantes. Começa a cair uma chuva miudinha suave.

— Pensei que era suposto as gaivotas ficarem junto ao mar — observa Gio Rossi. O meu assistente de produção tem as mãos enfiadas nos bolsos da gabardina preta. A bainha agita-se com o vento. Está frio. Um frio húmido. O tipo de frio que se entranha profundamente nos ossos e se mantém durante horas.

— As gaivotas mudaram-se para o interior por todo o lado — replico distraidamente, porque a minha atenção está concentrada na mulher que conduz o trator. Um *border collie* preto e branco está sentado ao lado dela. Rachel Walczak. Agricultora de produtos biológicos. Detetive reformada. Uma reclusa, segundo dizem. A terra remexida à sua passagem é negra e húmida. — Animais que se alimentam de restos e lixo — acrescento baixinho. — Sobreviventes. As gaivotas adaptam-se aos humanos. Veem-nos

como uma fonte de alimento. Como os ursos por aqui. Como os guaxinins em ambientes urbanos. Além disso — olho de relance para Gio —, o oceano não está assim tão longe daqui.

A quinta de Rachel, Green Acres, está situada nas profundezas de um vale, entre montanhas abruptas esculpidas por glaciares e sulcadas por rastos de avalanchas e rios embravecidos. Parece um lugar remoto. Quase hostil. Mas fica apenas a quarenta minutos de carro da cidade de Twin Falls, que se situa na ponta norte do estreito. A própria Twin Falls fica a cerca de uma hora ou duas a norte da agitada cidade de Vancouver, no noroeste do Pacífico, mas parece estar a muitos mais quilómetros de distância, perdida no tempo.

— Talvez em linha reta — murmura Gio, aninhando-se ainda mais no seu casaco. — Provavelmente é preciso uma mota de neve e raquetes de neve para andar por aqui no inverno. Não consigo imaginar um limpa-neves a passar por aquela estrada de terra batida horrível e sinuosa que nos trouxe até aqui.

Sorriso para mim própria. Gio é o tipo de pessoa que vem para aqui com os seus sapatos de marca que agora estão cobertos de lama. Que se adapta melhor às ruas, bares e cafés da baixa de Toronto. Ou talvez de Manhattan. Que tem um Tesla amarelo brilhante na garagem do seu condomínio de luxo e que não está muito impressionado com a carrinha que aluguei para o nosso projeto de *podcast* na costa oeste. A carrinha, no entanto, é ideal para o nosso equipamento de som e gravação e pode servir de estúdio improvisado. Estacionei-a na berma da estrada, atrás de uma linha de arbustos, quando vi o trator a aproximar-se do portão da quinta. Gio e eu deslocámo-nos a pé por uma ribanceira íngreme e pela lama, contornando o celeiro que ladeia a velha casa da quinta. Desta vez, eu queria evitar o companheiro de Rachel, Granger Forbes. Na semana passada, quando viéramos a Green Acres para nos encontrarmos com Rachel, Granger comunicou-nos, sem rodeios, que Rachel nunca aceitaria falar connosco.

Rachel Walczak também nunca respondeu às inúmeras mensagens que lhe deixei no telefone nem retribuiu as minhas chamadas. E eu preciso mesmo de entrevistar a detetive principal que trabalhou no caso do assassinio de Leena Rai, há vinte e quatro anos. Ela é essencial. Sem Rachel, o nosso *podcast* sobre a brutal agressão sexual e morte da residente de Twin Falls, de catorze anos, não terá o máximo impacto.

O vento sopra em rajadas fortes. Uma morrinha afaga-me o rosto e eu estremeço com o frio húmido. Foi num dia como este — no mesmo

mês — que o corpo maltratado de Leena foi encontrado pela equipa de Rachel na água turva por baixo da Ponte do Diabo. O trator inicia uma curva larga.

— Ela está a dirigir-se para o celeiro. Anda! — exclamo. — Vamos intercetá-la lá. — Lanço-me rapidamente pelo campo húmido. A lama suga-me as botas de cano baixo. Gio pragueja enquanto me segue.

— É óbvio que ela não quer falar connosco! — brada ele atrás de mim. — Senão, tinha-nos devolvido as chamadas.

— É óbvio — repito.

Mas o facto de Rachel nos ter evitado só aumentou a minha determinação. As pessoas que não querem falar são as que têm as melhores coisas para dizer. Os entrevistados que evitam as redes sociais e a sociedade em geral têm normalmente algo de bom a esconder, e é por isso que conseguir que Rachel Walczak se abra e fale no *podcast* será um golpe de sorte. Quase consigo sentir o sabor dele, do sucesso. Este projeto tem os primeiros sinais de algo bombástico. As audiências e as críticas subiram em flecha depois de o primeiro episódio ter ido para o ar, há uma semana. O segundo episódio, que foi para o ar ontem, trouxe estatísticas ainda melhores. O interesse dos meios de comunicação social está a aumentar. Todos os aficionados de crimes reais que aguardam os próximos episódios estão *à espera* de ouvir o testemunho da detetive Rachel Walczak. Como caçou o assassino. Como o interrogou, como o fez confessar. Como o colocou atrás das grades.

— Não olhes agora, mas consigo ver o marido dela na janela do sótão — informa Gio, pondo-se ao meu lado. — Está a observar-nos. Provavelmente, está a carregar a caçadeira. Estamos a invadir propriedade privada, sabes disso, não sabes?

Continuo a andar, a excitação aumenta à medida que o trator se aproxima do celeiro. Avanço mais depressa. A chuva intensifica-se, humedecendo-me o cabelo. A neblina adensa-se, rodopia em redor do celeiro.

Gio avança com dificuldade e pragueja.

— Já viste isto? — brada. — Malditas batatas-monstro. Enterradas logo abaixo da superfície desta lama. Grandes como a minha cabeça.

Vejo as batatas gigantes. Deixadas para trás na colheita por serem demasiado grandes para o mercado. Mas a minha atenção permanece centrada no trator verde. Detém-se do lado de fora das portas do celeiro. A mulher de cabelo escuro desce. Está a usar um boné, calças e casaco impermeáveis e galochas enlameadas. O cão salta atrás dela e começa a ladrar enquanto corre na nossa direção, com os pelos do pescoço eriçados.

Paramos bruscamente. É óbvio que ela nos viu, mas continua a ignorar-nos enquanto tira um balde de rutabagas do trator e entra no celeiro. O cão não para de ladrar, mantendo-nos à distância.

— Rachel? — chamo, tentando sobrepor a minha voz aos latidos do cão. — Rachel Walzak? Podemos falar consigo, *por favor*?

Por um momento, Rachel hesita mesmo junto às portas, mas depois entra na velha estrutura e assobia. O *border collie* dá mais um latido e corre para o celeiro atrás da ex-detetive.

Aproveito a oportunidade e entro rapidamente atrás deles, limpando a chuva do rosto.

— Rachel Walczak, o meu nome é Trinity Scott, sou a cocriadora e apresentadora do *podcast* de crimes reais «É Um Crime», e este é o Gio Rossi, o meu assis...

— Eu sei quem vocês são. — A voz dela é possante. Rouca. Autoritária. Pousa o balde e encara-nos. Os seus olhos são de um cinzento gélido, as pestanas longas e escuras. A boca forte e larga está marcada por linhas de expressão. Fios prateados raiam a trança grossa e húmida que lhe pende sobre o ombro. É alta. Tem um aspeto ágil e forte, apesar de ter quase idade suficiente, tecnicamente, para ser minha avó. Faz-me sentir baixa, apesar de eu não o ser. Rachel é tudo aquilo que eu esperava que fosse.

— Não estou interessada em falar convosco — declara Rachel. — Gostava que saíssem da minha propriedade.

A hesitação percorre-me. Lanço um olhar rápido a Gio. Os seus olhos escuros encontram os meus. A expressão no olhar dele reflete os meus pensamentos: *Esta é a nossa última oportunidade. Se a perdermos, não teremos outra hipótese.*

— Já lá vai quase um quarto de século — prossigo tranquilamente, com o coração a martelar-me no peito. Penso em Granger e na possibilidade de uma caçadeira, e no facto de estarmos a invadir propriedade privada. — Foi nesta mesma altura do ano que a sua equipa de mergulho encontrou o corpo da Leena naquela água salobra. Gélida. Obscura. Caía uma chuva que era quase granizo. Vento a soprar do mar. — Faço uma pausa. Os olhos sagazes de Rachel estreitam-se. Há uma mudança subtil na sua postura. — Os mesmos odores no ar — acrescento. — Odor a fumo de madeira. Folhas podres. Os peixes mortos. O inverno a chegar.

O olhar de Rachel mantém-se fixo no meu. Dou um passo hesitante para me aproximar. Vejo que as linhas de expressão que rodeiam os olhos de Rachel são profundas. Não são linhas de riso, são linhas de cansaço.

Uma súbita empatia invade-me. Esta mulher-polícia já viu coisas. Fez coisas. Agora só quer que a deixem em paz.

O cão rosna baixinho. Gio recua.

— O seu marido...

— Não sou casada.

— O seu companheiro, o Granger, disse-nos, quando viemos cá na semana passada, que a Rachel não queria falar comigo, e eu compreendo a sua resistência.

— Compreende? — O sarcasmo transparece nas suas palavras.

— Fiz a minha pesquisa. Sei como os meios de comunicação social vos perseguiram a todos e como a Rachel acabou por sair da polícia. Mas eu só quero falar consigo sobre os aspetos mais básicos da investigação acerca da Leena Rai. A estratégia por detrás dela. Como o detetive Luke O'Leary se juntou à investigação. Como conseguiram que o assassino da Leena confessasse, o que o pôs atrás das grades. É esse o objetivo.

Rachel abre a boca, mas eu levanto a mão, impedindo-a.

— Apenas o básico da investigação, Sra. Walczak. O impacto da morte horrenda da adolescente na pequena e unida comunidade, nos seus professores, amigos, colegas de turma...

— Chamo-me Hart. Rachel Hart. Já não me chamo Walczak. — Pega no balde. — E a resposta é não. Lamento muito. E como a Trinity disse, eu não era a única detetive no caso. Tente falar com o Luke O'Leary. Ou com o Bart Tucker.

— O Bart Tucker encaminhou-me para um oficial de ligação à imprensa da Polícia. O detetive O'Leary está a ser tratado num centro de cuidados paliativos. Só está lúcido em parte do tempo.

Rachel fica imóvel. O seu rosto empalidece.

— Eu... eu não sabia. Onde... que centro de cuidados paliativos? — questiona em voz baixa.

— Na costa norte. Perto do Hospital Lions Gate.

Olha-me fixamente. O tempo alonga-se. A água pinga dentro do celeiro. Depois recompõe-se e as suas feições endurecem.

— Quero que saiam da minha quinta. Agora.

Gio começa a sair do celeiro, mas eu mantenho-me firme, com o coração a bater mais depressa enquanto sinto tudo a escapar-me por entre os dedos.

— Por favor, Sra. Hart. Eu consigo fazer isto sem si. E fá-lo-ei. Mas ter o seu lado da história vai torná-la muito mais rica. Não ando à procura de

sensacionalismo, mas do porquê. Porque é que uma pessoa aparentemente normal passa subitamente dos limites para cometer um crime tão violento? Quais são as zonas cinzentas que existem pelo meio? Poderia alguém ter visto os sinais mais cedo? Como é que uma adolescente normal, a viver numa cidadezinha normal do noroeste do Pacífico, se torna subitamente vítima de um acontecimento tão terrível? — Tiro um cartão de visita do bolso e estendo-o à detetive reformada. — Aceite-o, por favor. E pense em ligar-me. O Gio e eu vamos deslocar-nos entre Twin Falls e a área da Grande Vancouver enquanto continuamos a entrevistar pessoas.

A boca de Rachel retesa-se. Antes que nos possa virar as costas, acrescento com a voz mais calma, agradável e suave que consigo reunir:

— Quando o Clayton Jay Pelley se declarou culpado, negou a toda a gente um julgamento em tribunal. Negou-vos a todos o *porquê*. — A chuva começa a bater ruidosamente no telhado de chapa do celeiro. Consigo sentir o odor do solo. A humidade da palha molhada. — O Clayton Pelley roubou os pais da Leena. Não só tirou a vida à filha deles, como impediu que o Jaswinder e a Pratima Rai ficassem a saber o porquê. Sim, ele disse-vos como o fez, mas, de acordo com as transcrições, nunca explicou porque é que escolheu a Leena. Porquê tamanha violência. Não está interessada, Sra. Hart, em saber porque é que o Clayton Jay Pelley, um professor aparentemente bem-educado, marido, pai, conselheiro vocacional e treinador de basquetebol, faria algo tão horrível, assim do nada?

— Algumas pessoas já nasceram doentes. E não vai conseguir o «porquê» dele agora, não depois de todo este tempo...

— Ele falou comigo.

Rachel fica petrificada. O tempo alonga-se.

— Ele fez o quê?

— O Pelley. Ele falou comigo. Na prisão. Ele concordou em dar-me uma série de entrevistas. Gravadas. — Faço uma pausa para retardar a minha resposta. — Ele prometeu dizer-nos porquê.

A detetive idosa empalidece.

— O Clay *falou*?

— Sim.

— Ele não disse uma palavra em vinte e quatro anos. A ninguém. Então, porquê agora? Porquê a si? Porquê depois de todo este tempo? — Olha-nos fixamente. — É porque vai finalmente sair em liberdade condicional, é isso?

Mantenho o silêncio. Pus o isco no anzol e estou agora a puxar a presa.

— É isso, não é? — repete, num tom de voz mais elevado e com os

olhos a faiscar. — Ele está a tentar obter favores antes de uma audiência da comissão de liberdade condicional. Ele vai brincar consigo. Usá-la para algum fim. E a Trinity está a cair nessa. E vai arrastar a família da Leena de novo pelo inferno com tudo isto.

Permaneço em silêncio. Observo os olhos de Rachel. Consigo sentir Gio a ficar tenso.

— O que lhe disse ele? — pergunta Rachel, finalmente, com a voz embargada.

Volto a oferecer o meu cartão de visita. Desta vez, a ex-polícia aceita-o.

— O nosso primeiro episódio foi para o ar na semana passada. O segundo foi para o ar ontem. O endereço do meu *website* está aí. Faço uma pausa. — Ouça os primeiros episódios. Depois ligue-me.

RACHEL

NAQUELA ÉPOCA

Sábado, 22 de novembro de 1997.

OBSERVO A UNIDADE DE MERGULHO A PARTIR DA MARGEM. Estou aconchegada no meu casaco impermeável, com o cabelo preso num rabo de cavalo. As madeixas soltas fustigam-me o rosto com o vento gelado que sopra do mar. É quase meio-dia, mas o dia está sombrio e com nuvens densas e carregadas. Algures por detrás das nuvens, o som de um helicóptero começa a desvanecer-se. A busca aérea foi cancelada por causa do mau tempo. Twin Falls é a minha cidade. Nasci e cresci aqui. E agora sou detetive aqui, seguindo as pisadas do meu pai, chefe da polícia, recentemente falecido. Sou esposa e mãe e compreendo a dor dos pais de Leena Rai. A filha deles, de catorze anos, não é vista há oito dias. A adolescente desaparecida tem a mesma idade da minha filha, Maddy. São colegas de turma. Estão na mesma equipa de basquetebol. E eu estou a liderar a busca. O peso disto é enorme. *Preciso* de encontrar Leena. Em segurança. Viva.

Inicialmente, havia a ideia de que Leena poderia estar a fazer uma birra, como já tinha acontecido antes, e que acabaria por aparecer. Mas há dois dias surgiu um rumor entre os alunos da escola secundária de Twin Falls, a única da cidade. Os miúdos diziam que Leena Rai se tinha afogado e que «provavelmente» o seu corpo estaria a boiar algures no rio. O Wuyakan precipita-se das altas montanhas, abrandando e alargando-se à medida que se aproxima da cidade, derramando depois água salobra no estreito, perto de um estaleiro de separação de toros.

Chamei uma equipa K9 assim que soube do rumor. A polícia de Twin Falls também encarregou a equipa local de busca e salvamento de procurar ao longo das margens do Wuyakan, começando num pântano mais acima do rio e seguindo em direção ao mar.

Ontem de manhã, uma aluna — Amy Chan — foi levada à esquadra de Twin Falls pela mãe. Amy afirmou ter visto Leena a cambalear, embriagada, pelo passeio da Ponte do Diabo, por volta das duas horas da manhã de sábado, 15 de novembro. Enviei imediatamente a equipa de busca e salvamento para a zona da ponte. Ontem, já tarde, pouco antes do anoitecer, a equipa localizou uma mochila que tinha caído entre grandes rochedos

por baixo da ponte, no lado sul do rio. É uma zona onde os adolescentes se reúnem ocasionalmente para fumar, beber ou curtir. Há grafitis nos cavaletes da ponte, um colchão velho, pedaços de cartão, latas, garrafas e outros detritos urbanos. No interior da mochila encontrámos uma carteira. Continha o cartão de cidadão de Leena, 4,75 dólares e uma fotografia com os cantos dobrados de um navio com as palavras «Africa Mercy» estampadas no casco. Havia também uma chave num porta-chaves. Perto da mochila, presos entre as rochas, encontrámos um batom cor-de-rosa *cherry pop*, um maço encharcado de cigarros Export “A”, um isqueiro, uma garrafa de Smirnoff vazia, um cachecol de malha com sangue e um livro de poemas ensopado, intitulado *Sussurros das Árvores*, escrito por um conhecido poeta do noroeste do Pacífico. Na página de rosto estavam escritas as seguintes palavras: «Com amor, de A. C., UBC, 1995».

Hoje de manhã, quando as buscas foram retomadas, a equipa K9 descobriu um ténis Nike com uma meia ensanguentada. O ténis e a meia foram encontrados na margem norte, por baixo da ponte. Os pais de Leena confirmaram que o ténis Nike era da filha, assim como a mochila e o cachecol, que tinha sido tricotado pela avó. A chave era da porta de casa dos Rai.

Temendo o pior, convoquei uma equipa de mergulho da polícia. Há duas horas, depois de uma breve reunião, a equipa começou a busca sombria debaixo de água.

A chuva começa a cair. Tirito de frio dentro do meu casaco. Sinto o odor do salmão morto a apodrecer nas margens. As águias-carecas observam-nos do alto dos ramos nus, à espera de que a polícia se vá embora para poderem voltar a depenicar as carcaças dos peixes. É um ritual anual que caracteriza esta época do ano, quando os salmões nadam até ao Wuyakan para desovar e depois morrem. Mais tarde, a coberto da obscuridade, os ursos e talvez os lobos virão buscar a sua parte.

Os meus pensamentos vão para a mãe e o pai de Leena e para o irmão mais novo, que estão à espera de notícias na sua modesta casa. A sua única filha e irmã não regressou a casa depois de ter participado numa festa «secreta» à volta de uma fogueira nas montanhas a norte da cidade. Os miúdos tinham-se reunido na floresta, num local conhecido como «a mata», para queimar velhos esquís e pranchas de *snowboard* num sacrifício a Ullr, o deus nórdico da neve. A fogueira de Ullr costumava ser uma celebração anual realizada na cidade, com direito a trajes vikings, mas o presidente da câmara e o conselho de Twin Falls proibiram-na no ano passado por questões de segurança. O ritual ruidoso tinha começado a atrair um elemento

negativo da cidade e a festa turbulenta resultou em alguns incidentes graves de queimaduras por os jovens terem saltado a fogueira embriagados. Todos os polícias estavam preocupados com a possibilidade de haver uma morte durante o seu turno.

Agora parece que houve uma.

Leena foi vista junto da fogueira por pelo menos vinte miúdos. Todos afirmaram que ela tinha estado a beber muito. Alguns viram Leena com um homem, mas não sabiam dizer quem era. Havia uma enorme lua cheia nessa noite, o céu estava limpo e, às 21h12, um antigo satélite russo reentrou na atmosfera terrestre e explodiu em cometas flamejantes com caudas longas e ardentes que se difundiram pelo céu.

Toda a gente olhou para cima. Todos se recordavam desse momento exato. Todos sabiam onde estavam, com as suas memórias ancoradas pelas faixas cor de laranja brilhantes que flamejavam no céu frio da noite de novembro.

Os destroços do satélite despenharam-se em segurança no Oceano Pacífico, ao largo da costa do estado de Washington. Isto ficou registado.

Mas, depois desse momento, ninguém se recordava de ter voltado a ver Leena.

«A festa tinha-se tornado um pouco caótica.»

«Estava a fumar erva...»

«Havia muita bebida.»

«Talvez... Acho que a vi a ir para a floresta com um tipo... Ele era alto. Vestia um casaco escuro. Calças de ganga. Chapéu na cabeça.»

«Não, não vi a cara dele.»

«Estava com um tipo, acho eu.»

«Um tipo alto. Casaco escuro. Chapéu.»

«Estava sentada num tronco perto da fogueira com um tipo de chapéu e casaco grande... Não, não sei quem ele era.»

Recordo os comentários deles enquanto observo os dois mergulhadores no insuflável Zodiac. Os oficiais agarram-se firmemente a cabos ligados a dois mergulhadores debaixo de água, os polícias Tom Tanaka e Bob Gordon. Abaixo da superfície, os polícias, em fatos de mergulho, tateiam às cegas numa água turva, com visibilidade próxima de zero. A água por baixo da ponte está repleta de detritos perigosos: carrinhos de compras, metal enferrujado, vidros partidos, pregos velhos e coisas piores.

Consulto o meu relógio. Devem estar quase a fazer outra pausa. Sinto-me aguilhoada pela frustração.

— Então, Rache?

Viro-me ao ouvir o som da voz. É Bart Tucker, um agente da polícia de Twin Falls, fardado. Ele desce cuidadosamente por cima das pedras cinzentas escorregadias até onde me encontro, perto da beira da água.

Empunha uma chávena de café na minha direção.

— Simples, com um pouco de açúcar.

O rosto largo, sério e normalmente pálido de Tucker está corado com o frio. Os olhos dele lacrimejam com o vento salgado e tem o nariz rosado. Penso nos olhos vermelhos da mãe de Leena e, atrás de Tucker, avisto um grupo de pessoas que se junta na velha ponte de cavalete. A fúria incendeia-se dentro de mim.

— Mas que raio? Tira-os daqui, Tucker, tira-os da ponte! — A raiva é mais fácil do que todas as outras emoções que ameaçam dominar-me.

Tucker regressa cambaleante pelos pedregulhos e sobe para a estrada, levando os cafés com ele.

— Tucker, espera! — brado. — Olha bem para eles antes, filma o grupo.

Quero saber quem está lá, quem veio até aqui para saber em primeira mão o que foi que a polícia encontrou. Devia ter pedido um vídeo desde o início. Sou uma polícia de uma cidade pequena, nunca trabalhei num homicídio, se é que isto é um homicídio. O que eu ainda quero é encontrar Leena a salvo. Talvez com um amigo. A dormir algures. Noutra cidade. Em qualquer sítio.

Mas não aqui.

Não no fundo da enseada tenebrosa, nas ervas marinhas.

Há movimento num dos insufláveis. Um berro. O braço do manobrador do barco ergue-se. A cabeça encapuzada de um mergulhador vem à superfície. Trata-se do agente Tanaka. Os seus óculos de proteção cintilam na luz sombria.

O meu maxilar retesa-se. O meu coração bate mais depressa enquanto avanço com dificuldade pelas rochas, tentando aproximar-me. Uma gai-vota crocita. A chuva cai com mais força. A buzina da balsa da fábrica de celulose soa lamentosamente na neblina.

— Câmara! — brada o mergulhador para o barco. Uma câmara é levada até Tanaka, juntamente com um marcador à prova de água. Tanaka usa o marcador para indicar onde encontrou algo. Desce novamente. As bolhas sobem à superfície. As ondulações disseminam-se. Volta a descer para fotografar *in situ* o que descobriu, antes de o trazer para cima. Sei que os mergulhadores lidam com uma cena debaixo de água como um detetive

o faria em terra. As observações iniciais do mergulhador da polícia podem tornar-se fundamentais num caso. Uma investigação pós-morte começa no instante em que um mergulhador localiza um corpo e o mergulhador tem de compreender as subtilezas da imersão, do afogamento e da investigação da morte.

— Cuecas — diz-me o manobrador do barco, enquanto Tanaka traz uma peça de roupa. As cuecas estão cobertas de lodo cinzento-escuro. São metidas num saco. — E calças cargo — acrescenta, enquanto Tanaka tira da água mais peças de roupa.

Leena foi vista pela última vez a usar calças cargo com bolsos nas laterais.

Fico com a boca seca. A agressão sexual é agora uma possibilidade horrível. Penso em como é que vou comunicar isto a Pratima e a Jaswinder Rai.

— A maré está a subir — profere uma voz ao meu lado.

Sobressalto-me. É Tucker. Regressou e ainda traz o meu café na mão.

— Acho que estão perto — respondo em voz sumida.

Ouve-se outro brado vindo do barco.

Depois, tudo parece silenciar-se, exceto o som da chuva a fustigar a água. Outro marcador à prova de água é lançado para a água. Ambos os mergulhadores vêm à superfície. Apanharam algo grande. Estão a vir em direção à margem, trazendo-o através das ervas marinhas. Lentamente.

— Já toda a gente saiu da ponte? — questiono em voz baixa com o olhar fixo nos mergulhadores.

— Sim. Isolámos a área com um cordão de segurança.

Engulo com dificuldade. É ela. Um corpo. Os homens estão a trazê-la para onde eu estou de pé. A emoção turva-me a visão. Aproximo-me, agacho-me.

Entre os mergulhadores está Leena Rai. A oscilar na maré, de barriga para baixo, com os braços estendidos ao lado do corpo. Os mergulhadores estão agora de pé enquanto empurram Leena cuidadosamente através dos juncos. O corpo dela está quase todo coberto pela água fria. Os cabelos negros disseminam-se à volta da cabeça como veludo. As suas nádegas nuas mal chegam à superfície. Tem uma camisola fina de alças emaranhada à volta do pescoço.

Sinto o corpo dormente. Os homens voltam-na.

Uma corrente invisível percorre-nos a todos, enquanto olhamos fixamente para ela, horrorizados.

RACHEL

NO PRESENTE

Quarta-feira, 17 de novembro. Hoje.

O FRIO INFILTRA-SE NO MEU PEITO ENQUANTO OBSERVO A *podcaster* e o seu assistente abrirem caminho pela lama até uma carrinha vermelha estacionada na berma da estrada. Apaguei as mensagens de voz de Trinity Scott. Todas as cinco, no decurso de um mês. Pensei que ela tinha percebido a mensagem. Um movimento na janela do sótão chama-me a atenção e olho para cima, para a casa. Granger está a observar tudo do escritório dele. Obviamente, viu as visitas.

O seu companheiro, o Granger, disse-nos, quando viemos cá na semana passada, que a Rachel não queria falar comigo, e eu percebo a sua resistência.

A fúria arde dentro de mim. Sei que ele está a zelar por mim. Sei como o caso me deixou de rastos e como foi ele que me ajudou a curar, mas ele devia ter-me dito que Trinity e o seu ajudante tinham vindo até Green Acres.

O Detetive O'Leary está num centro de cuidados paliativos. Só está lúcido em parte do tempo.

Por um momento, não consigo respirar. Conto para trás a partir de cinco. Quatro. Três. Dois. Um. Inspiro profundamente o ar frio, expiro lentamente e sacudo as memórias. Ainda assim, enquanto regresso à casa da quinta, com as minhas galochas a esparrinhar na lama e *Scout* a seguir-me, sinto a presença das montanhas ocultas à volta do meu pedaço de terra no vale. E sinto como se estivessem a abater-se sobre mim, a pressionar-me, juntamente com as nuvens densas, com a chuva. Com o inverno que se aproxima. E não consigo deixar de sentir que algo foi despertado e está a ser agitado a partir do local onde tem estado adormecido nos solos negros da memória e do tempo.

No vestíbulo, descalço as botas e tiro o equipamento de chuva. Pego numa toalha e esfrego *Scout*. Ele contorce-se de satisfação, mas se normalmente eu acharia o prazer do meu cão contagiante, nesta altura só aguça a minha agitação.

Granger veio para baixo. Está sentado na poltrona de couro junto à lareira, com os óculos de leitura empoleirados no nariz e um manuscrito no colo. Faz revisão de artigos para uma revista de psicologia. A sua área de

especialização é o tratamento da perturbação de stresse pós-traumático e dos vícios com a hipnoterapia. A forma como o trauma se aloja no corpo e na mente e os mecanismos que as pessoas utilizam para lidar com o stresse pós-traumático continuam a ser os seus campos de interesse.

— Não me disseste nada — critico, enquanto me dirijo à cozinha.

Ele espreita por cima dos óculos de meia-lua.

— Não te disse o quê?

Está a usar a camisola de malha que tricotei há muitos anos para ele como forma de lidar com o stresse, antes de comprar Green Acres, antes de ele se reformar parcialmente e vir viver comigo. Tem o cabelo revolto. É castanho-escuro e raiado de fios prateados. Granger tem um rosto bonito, marcado pelo tempo, pelo clima e pelas emoções da vida. Nas prateleiras atrás dele, livros de psicologia lutam por espaço com tomos de filosofia e uma mistura eclética de ficção e não-ficção narrativa, na sua maioria contos de aventuras a solo, homem contra natureza. Ele foi o meu terapeuta antes de sermos amantes. E eu sei que tenho sorte em tê-lo encontrado. Granger é, em muitos aspetos, o meu salvador. E é por isso que estou a debater-me com a minha fúria por ele não me ter falado da visita de Trinity Scott.

— Tu sabes — replico asperamente enquanto agarro no bule para fazer café. — Porque não me disseste que aquela *podcaster* já tinha vindo até aqui uma vez para falar comigo?

— Queres falar com ela?

— Claro que não. — Encho o bule de água, os meus movimentos são rápidos. — Porque haveria de querer ajudá-la a criar sensacionalismo e a rentabilizar a dor de uma família e de uma comunidade ao fim de tantos anos? — Coloco o bule na máquina do café, derramando água sobre o balcão. — Entretenimento à custa de outros que nunca pediram para assistir a crimes violentos? Nem pensar.

— Foi por isso que não te disse nada. Porque havia de te querer perturbar desnecessariamente? — Uma pausa. Olho-o de relance. Ele levanta-se e entra na cozinha. — Olha, ambos sabemos o que aquele caso te fez, Rache. — Põe-me uma madeixa de cabelo humedecido pela chuva para trás da orelha. — Sabemos o que fez à tua família, a toda a gente.

Afasto-me do seu alcance e tiro a lata de café do armário. Deito umas colheradas de café moído no filtro enquanto penso no meu ex-marido e depois na filha com quem quase não me dou, Maddy, e nas minhas duas lindas netinhas, que Maddy mal me deixa ver. Esbarro com a colher contra uma superfície e o café derrama-se pelo balcão. As lágrimas enchem-me os

olhos. O assassinato de Leena Rai mudou tudo. Mudou-me a mim. O meu casamento. A minha relação com a minha filha. Mudou a cidade. Twin Falls perdeu a sua inocência na noite em que Leena foi abusada sexualmente e assassinada. Foi também o início do fim da minha carreira como polícia. Nunca cheguei a seguir os passos do meu pai e a tornar-me chefe da polícia, como toda a gente esperava que eu fizesse. Não consigo sequer identificar o que foi que me derrubou.

Talvez tenha sido o Luke.

— Tens de me dizer coisas como estas, Granger.

— Desculpa. A sério. Amo-te e eu sabia que isto iria despertar más recordações. E sinceramente, não pensei que a mulher...

— Trinity Scott.

— Não pensei que a Trinity fosse tão obstinada ao ponto de regressar, quanto mais de dar a volta pelas traseiras da casa e caçar-te no campo. Por falar nisso — sorri —, faz-me lembrar alguém que eu conheço.

Exibo um meio sorriso, mas a inquietação mantém-se.

— O Clay Pelley falou com ela. — Observo-lhe o rosto com atenção. — A Trinity afirma que ele concordou em fazer uma série de entrevistas gravadas e prometeu explicar porque o fez. — A mudança no olhar de Granger revela-me que ele já sabia disso. Praguejo. — Tu ouviste. Foste ouvir o *pod-cast* dela e não tiveste coragem de me dizer?

— Rache... — Tenta tocar-me e eu afasto bruscamente a mão dele.

— Maldito sejas. Como? Como pudeste ouvir e não me dizer?

— Eu era o teu terapeuta. Eu assisti a tudo de camarote. Uma pessoa pode pensar que está bem. Pode acreditar que ultrapassou ou compartimentou eficazmente os acontecimentos negativos, mas a memória traumática pode ficar retida no corpo. E tu a ouvires a voz do Pelley, a expores-te a tudo isto... é desnecessário, por amor de Deus, Rache. Esquece o assunto. Deita-o para trás das costas.

Olho para ele irritada enquanto o sangue parece drenar-se da minha cabeça.

— Então... tu *ouviste-o* falar... ouviste a voz dele?

Granger permanece em silêncio.

— O que disse ele?

Uma pequena veia incha-lhe na têmpora. Tem o maxilar retesado.

— Por favor, Rachel — diz em voz baixa. — Não vale a pena.

Pego no bule de café e verto o líquido quente na minha caneca.

— O que disse o Pelley, raios? Será que, por esta altura, toda a gente,

incluindo o pai da Leena e o irmão mais novo, ouviram a voz do seu violador e assassino?

Ele toca-me no braço. Eu sacudo-o. O café salpica-me a mão e queima-me. Pouso a caneca e apoio as palmas das mãos no balcão. Fico a olhar pela janela por cima do lava-loiça, com o coração a martelar-me no peito. Granger tem razão. Ouvir o *podcast* não vai ser bom para mim. Vejam só o que ele já está me está a fazer. Estou em brasa.

— Queres mesmo saber a minha opinião sobre os primeiros episódios?
— pergunta Granger suavemente.

Aceno em afirmação, sem olhar para ele.

— Na minha opinião, o Clay Pelley está a mexer com a cabeça de uma jovem e bonita pseudojornalista que está ansiosa por fazer sensação e fazer nome no domínio dos crimes reais. A Trinity Scott é ingénua. Ou simplesmente oportunista. O facto de ele a ter escolhido subiu-lhe diretamente à cabeça, deu-lhe notoriedade instantânea. As pessoas estão a ouvir o *podcast* dela porque o Pelley até agora permaneceu em silêncio e, por alguma razão, o Clayton Jay Pelley iniciou um jogo.

— Porquê? — pergunto em voz baixa. — Porquê *agora*?

— Penso que a resposta a isso se tornará evidente à medida que a série semanal de *podcasts* evoluir, mas, na minha opinião, o que é claro após os primeiros episódios é que o Clay está a controlar o ritmo. Aparentemente, ficou acordado que a Trinity faria uma série de sessões de vinte minutos com ele, e o Clay vai racionar a informação. Vai terminar cada sessão com uma informação tentadora que não só vai trazer os ouvintes de volta, como vai trazer a Trinity Scott de volta. Para ele. Para a prisão. Uma e outra vez. Uma jovem sensual na sua vida aborrecida de encarceramento. Pode ser tão simples quanto isso. Uma cara bonita que se agarra a todas as suas palavras. Encaixar-se-ia na sua patologia de manipulação e poder sobre mulheres jovens, mas, seja qual for o plano dele, não me parece que também devas ser vítima do seu jogo doentio.

— Talvez *acabe* por explicar porque é que o fez.

— Ou talvez *acabe* por mentir.

— Mas se ele contar...

— Nessa altura, sabê-lo-ás, mas não tens de ouvir tudo. Podes ficar a saber o resultado no fim do jogo.

Forço-me a expelir uma intensa lufada de ar.

Ele aproxima-se e cobre-me as maçãs do rosto com as mãos.

— Promete-me que vais tentar ignorá-lo.

— Quando é que o ouviste?

— No dia a seguir a ter ido para o ar.

— Na *semana* passada?

Ele parece desconfortável. Paro por um momento para respirar.

— Ele... disse alguma coisa... de relevante?

— Não.

— Como é que estava a voz dele?

— Rouca. Como se tivesse sofrido danos na garganta.

Sinto-me espicaçada pela curiosidade. Observo Granger por um momento, tentando ler os seus olhos. Fixa o seu olhar no meu, sem pestanejar. Forço um sorriso.

— Como sempre. És a minha rocha. — Estico-me na direção dele e beijo-o.

Mas enquanto levo a minha caneca de café para junto da lareira, sinto uma escuridão nos meus passos. Ele devia ter-me dito. O facto de não o ter feito deixa-me inquieta. E sinto que, mais uma vez, o assassinato de Leena Rai está a sustentar a minha vida no limiar de uma mudança.